

# JOHN LENNON

## 80 ANOS

DR. PAULO ROBERTO CRUZ MARQUETTI



Photographer: Iain Macmillan / © Yoko Ono

**E**m 9 de outubro de 2020, John Lennon completaria 80 anos e, neste *Iátrico*, cujo tema é o nascimento, é oportuno lembrarmos aqui o nascimento das suas ideias, tão polêmicas e incompreendidas na época quanto hoje são desconhecidas para a maioria das pessoas que o conhecem apenas pela sua obra musical.

John Winston Lennon nasceu às 18h30 de 9 de outubro de 1940, em Liverpool, enquanto seu pai, Alfred, estava trabalhando em um navio de cruzeiro. A partir dos 6 anos, passou a ser criado pela tia Mary (mais conhecida por Mimi), pois Julia, sua mãe, não conseguia conciliar o trabalho com a dedicação ao filho.

Ainda na escola fundamental, publicava o panfleto semanal *Sport Speed and Illustrated* e no colégio, o *Daily Howl* (Uivo Diário), já com criações suas e com o uso de trocadilhos e neologismos que caracterizariam seus textos ao longo da vida, além de cartuns que hoje seriam considerados politicamente incorretos, satirizando os professores e os colegas com algum defeito físico com seu humor extremamente ácido, que já então se revelava. Em seguida, publicou um livrinho, *The Treasure of Art and Poetry*, que “continha apenas a obra de J.W.Lennon, com trabalho adicional de J.W.Lennon e uma mãozinha de J.W.Lennon, sem se esquecer de J.W.Lennon. Quem é esse J.W.Lennon?” (1).



Em 1955, teve contato com o Rock'n'Roll, com *Rock Around The Clock*, de Bill Haley, e, em 1957, criou a banda *The Quarrymen*, com amigos do colégio. Em 6 de julho de 1957, tocaram numa quermesse da igreja, em Woolton, e logo após a apresentação um amigo apresentou a John um amigo de 15 anos, chamado James Paul McCartney, que tocou *Twenty Flight Rock* ao violão, deixando John impressionado, a ponto de lhe telefonar dias depois para convidá-lo a integrar a banda... E o resto é história, para outra conversa.

Voltando ao Lennon literário, em 6 de julho de 1961, ele publicou um artigo no primeiro número do jornal de música *Mersey Beat*, “De uma digressão sobre a origem duvidosa dos Beatles – traduzido do John Lennon” (1).

Ele sempre dizia que seu sonho na infância era ser jornalista, não músico. Publicou ainda dois livros, *In His Own Write* (1964) e *A Spaniard in the Works* (1965). Postumamente, foram publicados *Skywriting by Word of Mouth* (1986), *Ai: Japan Through John Lennon's Eyes: A Personal Sketchbook* (1992), com ilustrações suas sobre a definição de palavras japonesas, e *Real Love: The Drawings for Sean* (1999). O livro *The Beatles Anthology* (2000) também traz exemplos de seus textos e desenhos.

Convido-os agora a uma pequena viagem (sem qualquer recurso químico para expandir a consciência) pelas ideias de John Lennon, que espero possa catalisar o nascimento de uma nova visão sobre o lado humano deste pensador, levando-os a transcender a sua visão dele apenas como músico.

Faço-o através de algumas citações que compilei, esperando que estas os motivem a pensar mais que superficialmente sobre a importância de John Lennon na cultura, mesmo decorridos 40 anos da sua morte.

1. Trecho da entrevista a Virginia Ironside, do *Daily Mail*, em junho de 1965, prestes a lançar seu segundo livro:

*Mas o problema do jornalismo é ter a sua matéria enfiada no meio de um monte de outras porcarias. Eu nunca me considerei um escritor social – simplesmente não existe assunto algum sobre o qual eu queira escrever a sério. Sou muito egocêntrico e muito [...] efêmero. Acabei de aprender essa palavra. De Bernard Levin. Meu único objetivo em escrever um livro é que ele seja engraçado. Ou é engraçado ou não é nada.*

2. Comentário sobre quando lhe foi outorgada a Ordem do Império Britânico (M.B.E.), citado em Aldridge, A. – *The Beatles Illustrated Lyrics*, 1969, pág. 33:

*Um monte de pessoas que reclamou por nós termos recebido a M.B.E. recebeu a sua por heroísmo na guerra – por matar pessoas. Nós recebemos a nossa por entretermos outras pessoas. Eu diria que nós merecemos mais a nossa.*

3. Declaração à imprensa em julho de 1969, quando lançou *Give Peace a Chance*, citada em Pritchard, D. e Lysaght, A. – *The Beatles: An Oral History*, 1998, New York: Hyperion, pág. 285:

*Foi um desenvolvimento gradual ao longo dos anos. Primeiro foi All You Need Is Love. Este ano é Give Peace A Chance. Lembrem-se do amor. A única esperança para qualquer um de nós é a paz. Violência gera violência. Se você quer a paz, pode tê-la tão logo você queira, desde que todos nós ajamos juntos. [...] Pensem na paz, vivam a paz e respirem a paz e vocês a terão tão logo a desejem, OK?*

4. Entrevista à revista *Rolling Stone*, em dezembro de 1970:

*Quando eu tinha 12 anos, eu costumava pensar que eu devia ser um gênio, mas ninguém percebia. Ou eu sou um gênio ou eu sou louco, qual será? Não, eu disse, eu não posso ser louco porque ninguém me afasta, então eu sou um gênio. A genialidade é uma forma de loucura, e todos nós somos assim. Mas eu costumava ser discreto quanto a isso, como quando eu toco violão. Mas se existe essa coisa de ser um gênio – então eu sou um. E se não existe, eu não me importo.*

5. Citado em “What Can I Tell You about Myself which You Have Not Already Found Out from Those Who Do Not Lie?”, em *The Beatles Anthology* (2000):

*Nossa sociedade é comandada por pessoas insanas com objetivos insanos... eu acho que nós estamos sendo dirigidos por malucos em direção a objetivos malucos, e eu acho que eu estou em risco de ser afastado como insano por me expressar assim. É isto que é insano nisso tudo.*

6. Respondendo à pergunta de um repórter durante o tour dos Beatles na Austrália, sobre se eles estavam cientes do que estava acontecendo ao seu redor:

*Você tem que estar! (risos) Você pode levar um tiro!*

7. Citado em *Rolling Stone* (7 de janeiro de 1971) e recitado em *Simon Frith, The Sociology of Rock*, 1978:

*Todo aquele negócio era horrível, era uma humilhação desgraçada. A gente tinha que se humilhar totalmente para ser o que os Beatles eram, e é isso que eu lamento. Eu não sabia, eu não previ. Aconteceu pouco a pouco, gradualmente, até que esta completa loucura está ao seu redor, e você está fazendo exatamente o que você não quer fazer com pessoas que você não pode suportar – as pessoas que você odiava quando tinha 10 anos.*

8. Em entrevista a David Sheff, da revista *Playboy*, em setembro de 1980, publicada postumamente em janeiro de 1981:

*Não vai acontecer de novo! Todo mundo fala isso quando uma coisa boa termina, como se a vida estivesse terminando. Mas eu estarei com 40 anos quando esta entrevista for publicada. Paul está com 38. Elton John, Bob Dylan – todos somos pessoas relativamente jovens. O jogo ainda não acabou. Todos falam em termos da última gravação ou do último concerto dos Beatles – mas, se Deus quiser, ainda haverá mais 40 anos de produtividade pela frente.*

9. Em entrevista à revista *Rolling Stone*, em 1980:

*Eu não estou reivindicando a divindade. Eu nunca reivindiquei a pureza da alma. Eu nunca reivindiquei ter as respostas da vida. Eu só faço canções e respondo às perguntas o mais honestamente que eu possa... mas eu ainda acredito em paz, amor e compreensão.*

10. Em entrevista à Rádio RKO no dia de sua morte (8 de dezembro de 1980), assassinado por um fã que quis protegê-lo do mal que alguém pudesse lhe causar.

*Eu sempre considerei minha obra uma peça única, e eu considero que meu trabalho não estará terminado até que eu esteja morto e enterrado e eu espero que isso leve um longo, longo tempo. ⓘ*



#### BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

1. Davies, Hunter – *As Cartas de John Lennon* – Editora Planeta, São Paulo, 2012.
2. Lennon, John – *Um Atrapalho no Trabalho e Lennon Com Sua Própria Letra* – Editora Brasiliense, São Paulo, 1980.
3. Lennon, John – *Skywriting by Word of Mouth* – Pan Books, 1986.
4. Beatles – *Antologia* – Cosac Naify, São Paulo, 2001.
5. [https://en.wikiquote.org/wiki/John\\_Lennon](https://en.wikiquote.org/wiki/John_Lennon) (citações, todas com a fonte).